

A cela de aula

A campainha toca. O professor entra. Alunos retardatários pouco a pouco locupletam o espaço. Cada qual em seu lugar. Chamada. A porta entreabre-se. O supervisor verifica a presença do mestre-sala. Cinquenta minutos depois soa a sirene. Alarme falso: a aula continua. Todos se rememem. Alguns se levantam. Outros não aguentam e saem para fazer xixi ou fumar um cigarro. Mais cinquenta minutos. O tempo passa, de acordo com a sonolência dos alunos a monotonia do professor, cortado abruptamente em sua peroração pelo ensurdecador som que determina o fim da aula. A cela vomita pelo corredor a massa falante e irrequieta.

Caricatura? Descrição superficial da rotina escolar? Até parece uma cena de penitenciária, hospício, caserna...

Qualquer semelhança não é mera coincidência, diria Michel Foucault. As peças semelhantes de mosaicos diferentes fazem parte de uma arquitetura precisa, de um mecanismo rigoroso de poder. A **subdivisão do espaço** em salas e corredores, a **marcação do tempo** pela campainha e pelos comandos dos professores, a **vigilância** exercida pelos bedéis, chefes e diretores, a seqüência ininterrupta de provas e **exames**, estes quatro mecanismos constituem o **poder disciplinar** destinado a formar corpos dóceis e produtivos. Pavlovianamente dóceis e alienadamente produtivos, como peças de uma engrenagem social que gira em torno de um eixo central de acumulação e controle.



-- Louco! Infantil! Subversivo! Marginal!

Exclamações como tais podem estar etiquetando estas observações.

-- A escola é um centro excelente de **educação**, da mesma forma que a penitenciária foi criada para a **reeducação**, assim como o hospital e o hospício são meios de **recuperação da saúde!**

-- retrucaria o senso comum.

Pedagogia, direito, medicina, psiquiatria aparecem, nesta visão, como as ciências utilizadas em tais instituições para melhor cuidar do infante, do delinqüente, do doente e do louco.

Triste ilusão! Uma análise mais acurada da história destes saberes -- como o fez Foucault -- desvelaria o fato de que a pedagogia, a medicina, a psiquiatria são saberes produzidos a partir e em função do poder disciplinar. O poder disciplinar é o tipo de

relação que se estabelece em instituições disciplinares (escola, prisão, hospital, hospício, caserna, convento) onde os indivíduos são enclausurados em espaços esquadriados, submetidos a rotinas programadas e a um processo constante de vigilância e exame. Os registros da observação sobre o comportamento de pessoas assim enquadradas, constroem saberes que tornam possível prever e controlar a atividade de grande número de indivíduos. São saberes produzidos a partir de uma relação de dominação que servem justamente para manter esta relação de poder.

É por isso que se cristaliza a imagem do aluno como eterno infante, incapaz de falar por si mesmo; do delinqüente, o bode expiatório dos males da humanidade; do doente, cobaia gratuita para tantos experimentos e dissecações; do louco, animal irra-

cional e violento, que precisa ser amarrado, amordaçado, eletrocutado!

-- Que pessimismo colega! Por que tu não propõe algo mais positivo e concreto?

Pois então, que tal pegar o boi pelo chifre, ou melhor, a escola pela sua função educadora, e criar nesta instituição espaços realmente educativos! Para isso, bastaria decidirmos discutir e enfrentar juntos os problemas que surgem em nosso contexto! Com efeito, a educação se processa como diálogo sobre a práxis.

Além de coragem, precisamos de recursos! Então, por que não tomar esta massa de funcionários e equipamentos desperdiçada na escola para dividir os espaços, impor rotinas, vigiar pessoas, submetê-las a provas e impor punições, reutilizando estes mesmos recursos para apoiar processos organizativos e educativos que nascem e crescem na comunidade escolar?

Aliás, não será este um sentido mais inteligente que podemos dar ao processo de "modernização" que o governo propõe hoje nas instituições públicas?

Reinaldo Fleuri.